



A ARTE MUSICAL
 Revista publicada quinzenalmente
 Redacção e administração Praça dos Restauradores
 43 A 49

Proprietario e d rector

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Annuario Commercial—C. da Gloria, 5 *José Nicolau Pombo*

SUMMARIO: — Tamagno. — Cartas a uma senhora. — Historia da orchestra. — Carta das Caldas. — Noticiario. — Necrologia.



Francisco Tamagno

Tamagno

JÁ é conhecida de todos os nossos leitores a morte do notavel tenor, que apoz uma carreira lyrica das mais brilhantes, se finou em 31 do passado mez de agosto. Mas não vem ainda descabida uma rapida analyse da sua vida artistica.

Francesco Tamagno nasceu em Turim, em 1851, e, depois de ter feito os seus estudos no Conservatorio, estreiou-se como corista no theatro lyrico d'aquella cidade.

Não tardou que lhe confiassem pequenos papeis de mais alguma importancia, mas ou porque se não revelassem desde logo as qualidades que o haviam de notabilisar mais tarde ou por qualquer outro motivo que ignoramos, o certo é que o famoso tenor abandonou a carreira lyrica para se alistar no exercito.

A paixão pela scena foi porém mais forte que a predilecção pelas armas e em 1873 já o vemos de novo a cantar em um theatro de Palermo (Theatro Bellini), e agora já como primeiro tenor.

Foi do melhor agouro o acolhimento que lhe fez o publico palermitano, e que depois lhe foi brilhantemente confirmado em Ferrara, Rovigo, Venesa, Milão, Barcelona e

Foi na época de 1879-80 que pela primeira vez o ouvimos na capital portuguesa, para onde veiu contractado pela empresa Freitas Brito, cantando o *Polluto*, a *Lucia*, o *Profeta*, os *Huguenotes* e o *Guarany*.⁽¹⁾

Apesar de já evidenciar grandes recursos artisticos e sobre tudo uma potencia de voz, verdadeiramente phenomenal, devemos dizer que a critica nem sempre lhe foi benevola n'esse periodo da sua vida. Era mau comediante e o proprio timbre da voz nem a todos era sympathico; o extraordinario brilho e sonoridade das notas agudas não bastava para satisfazer os que se sentiam menos propensos á indulgencia. Em 1881 voltava á sua cidade natal; foi ahi que Verdi o ouviu e destinou-lhe desde logo a creação do protagonista do *Otello*, que de resto só seis annos mais tarde se devia estreiar em Milão.

Não tardaram os triumphos e as ovações; reclamado pelos emprezarios americanos, teve a consagração do Novo Mundo, que percorreu com Adelina Patti em uma *tournee*, que ficou memoravel.

Voltando á Europa, ainda o tivemos em

Lisboa em maio de 1886, com o *Polluto*, a *Aida* e a *Força del Destino*, fazendo-se acclamar em seguida em Monte-Carlo, Milão, Paris, Nice e Trieste.

Data propriamente de 1887 a sua celebridade universal, pois foi n'esse anno, a 5 de fevereiro, que se cantou pela primeira vez no theatro da *Scala* de Milão o mais sublime dos *capi-lavoro* de Verdi, o inimitavel *Otello*.

Foi sem duvida alguma o seu melhor papel e n'elle se patenteiavam, melhor que em nenhum outro, os poderosos recursos de cantor e a vibrante expressão dramatica, que fizeram de Tamagno o tenor heroico por excellencia.

Quando estava no apogeu da sua carreira, voltou por terceira vez a Lisboa, abrindo-se então para ouvir o famoso artista, uma assignatura extraordinaria de 6 recitas, com preços elevados. Foi em 1891 e além do *chef-d'œuvre* verdiano, cantaram-se os *Huguenotes* e o *Polluto*.

Para darmos uma ideia do exito obtido por Tamagno entre nós, n'essa serie excepcional de representações, vamos transcrever as palavras do conselheiro Benevides, que nem sempre representam strictamente o nosso sentir, mas emanam de um abalisado pratico em questões lyricas, cuja sinceridade e desassombro ninguem póe em duvida. Diz elle no segundo volume do seu admiravel trabalho sobre o theatro de S. Carlos: — «Era grande a anciedade que havia para ouvir e vêr representar o celebre tenor Tamagno, para quem Verdi tinha escripto o seu *Otello* e que a fama apregoava como uma maravilha na execucao do papel do mouro de Veneza, da grande tragedia de Schakspeare, que tinha seduzido o estro do grande maestro nosso contemporaneo, como já havia, muitos annos antes, tentado o cysne de Pesaro.

O exito que Tamagno obteve no *Otello* no theatro de S. Carlos de Lisboa não demerreceu da reputação que o acompanhava. Tamagno não só brilhava n'aquella opera pelos recursos da sua immensa voz, mas cantava e representava de um modo surpreendente, sendo a sua interpretação primorosa e estudada nos mais pequenos detalhes do canto, do gesto e da acção. Era verdadeiramente sublime a sua figura e estatura immensa, a portentosa voz de que dispunha e o estudo que havia feito ou do que lhe haviam ensinado, tudo concorria para a grandiosa interpretação da creação tragica do poeta inglez e do maestro italiano.

Nas outras peças, sem exceptuar o *Polluto*, o grande tenor ficava muito abaixo do que se manifestava no *Otello* e fazia recordar o que era annos antes quando pela pri-

(1) Tamagno tambem cantou n'essa época em um concerto organizado em favor de Guilherme Cossoul, que já estava n'esse tempo muito doente, vindo a fallecer alguns mezes depois.

meira vez cantou em Lisboa na época de 1879 a 1880».

Ha dois annos ainda Tamagno cantou a *Herodiade* de Massenet, em Monte Carlo. Ultimamente, porém, pouco uso fazia da sua arte e de facto quando se chega a accumular, como Francesco Tamagno, um peculiosinho de oito milhões de *liras*, em cifras redondas, não deve ser extremamente custoso atirar com uma *lyra* ás ortigas.

Esta importante fortuna, que o grande artista lega á sua unica filha, é não só devida ás condições onerosissimas em que se escripturava, mas principalmente aos seus habitos de economia, que quasi tocavam as raias da avareza e que se tornaram proverbiaes.



CARTAS A UMA SENHORA

LXXVII

De Lisboa

SIM, era talvez melhor hoje não lhe escrever, minha amiga, porque olhando em volta o que vejo?

Lá ao longe, n'esse oriente perturbante e estranho, onde a chacina, como eu outro dia lhe escrevera, foi proseguindo, já quando vozes de arautos se preparavam a annunciar a Paz, a nossa raça, por um divertido eufemismo, cognominada — a grande, a superior, a justa, de novo se enlameia impondo ao heroico e viril contendor, que com ella se defrontava, umas trégoas cynicas, cynicas e contraproducentes — por não pedidas nem pelos russos, nem pelos japoneses.

Providencialmente vinham estes preparando uma nova Russia para o que era mister desfazer a Russia velha; — mas eis que essa liquidação de contas, que estava sendo grandiosa e nobre, acaba — mercê da nossa intervenção hypocrita — n'uma concordata vergonhosa e escura...

D'ahi, o não estar, por desgraça, firmada em solido terreno essa almejada Paz, por que aliás suspiramos todos.

Isto por lá.

Cá na Europa o espectáculo não é nem menos turvo nem mais edificante, e só resta ver que os gestos impulsivos de theatraes mandantes ainda queiram aggravar com algum movimento tragico o que já de si mal se sustenta n'um equilibrio instavel...

E no emtanto, nunca, talvez o animal humano se sentiu mais inclinado a prelibar as delicias de uma existencia calma.

Ha, é claro, por toda a parte uns certos desmancha prazeres que constantemente sentem a obsessão da guerra, e pensam em invasões e em combates, em matanças e em triumphos; comtudo, louvado Deus, cada vez elles são em menor numero, e por muito que varios coripheus trovejem e determinados porta-vozes clamem, que a guerra é natural e póde ser proficua; que estimula os brios e desperta as energias; que, n'uma palavra, impede os homens de cairem no marasmo e os povos de apodrecerem na apathia: com verdade já hoje em regra ninguem se bate por gosto, e o mister de acutillar o nosso semelhante, quando a coisa convem a outrem, está deveras desacreditado...

Não discuto se por fórmias ostensivamente brandas continúa cada um de nós fazendo no fundo sempre isto mesmo, porque não sou bastante nescio nem de todo inconsciente para negar, por meio de artificios rhetoricos, a evidencia da indestructivel lei que torna a propria vida um conflicto de todos os instantes; apenas já são de sobra os motivos que nos levam a ter de forçadamente supportar aquelles, para que ainda vamos de animo leve e ainda mais ligeira mão procurar voluntariamente outros.

Em todo o caso se isto não é positivamente assim e se temos, ai de nós, de considerar ainda por alguns seculos mera phantasia e esteril illusão, a phantasia da concordia geral de todos os filhos da terra e a illusão da definitiva solidariedade de todos os espiritos do universo, convem que ao menos, por nossa parte, não respondamos com motejos — ou com pedradas, ás doces e amorosas vozes que vão pelo mundo fóra entoando os preciosos e substanciaes versiculos da universal tolerancia e da desejada acalmação...

Não nos animam eguaes esperanças? Pois em meu modesto entender tentemos, quanto mais não seja, cultivar ininterruptamente a divina flor do Ideal, que mergulha as suas radículas no humus feraz do Sonho, e eleva o seu hastil até ás ceruleas e interminas paragens dos vastos céus...

Penetrar d'arte, que é como dizer penetrar de poesia, o mais imperceptivel movimento d'alma e o menos animal dos impulsos, envolver tudo na bemdita e vivificadora luz que d'aquella emana, essa é, parece-me, se não a melhor, uma das melhores maneiras de concorrer para a final desmaterialisação de todos — e de tudo...

E assim se conseguirá o mesmo desideratum a que os outros visam.

Contemplar um bello quadro ou uma formosa estatua, ler uma soberba pagina de versos ou prosa, ouvir um inspirado trecho

ou uma celeste melodia, isto quando não poderemos ser o cerebro privilegiado, creador da Belleza que em obras taes encarna, sempre será o nosso modo pessoal de para ella concorrer e de diminuir, em nós e á volta de nós, a porção de lodosa vasa que eternamente procura subverter-nos — e aviltar-nos.

Assim, querida amiga, eu, mal posso, abro ao acaso um livro em que algum musico da linguagem docemente me embale nos seus harmoniosos rythmos, e agora mesmo os olhos me cáem sobre esse tão pittoresco, tão pessoal e tão lusitano *Sul* em que o fino poeta que é Martinho de Brederode, canta em rimas imprevistas de encanto e de frescura, e fixadas n'essa difficil simplicidade que é a suprema consagração da Fôrma, a terna, a linda, a risonha paisagem portugueza, a das almas e a das cousas, e nos dá joias como essa *Elegia da quinta, a Terra do Sul, O mar, Lisboa*, e tantas outras que enchem o volume de scintillações sem fim.

Folheie-o ao acaso, e lerá quadras como esta:

Fervem d'espuma os miseros arroyos
— Rijo é o braço da saloia e a mão —
Ó lavadeiras dos casaes saloios
Se podésseis lavar-me o coração!

· Ou como esta:

Quem é que chora assim e se lamenta?
És tu ó Mar, ou a nossa alma antiga
Que entre o luto da Noite e da Tormenta
Encontra voz na tua voz amiga?

Mas fico-me por aqui, que não desejo transcrever o livro.

E veja se eu não tenho razão de preferir ás banaes e insulas agitações que vão cá por fóra, o consolador estremecimento que me dá, que nos dá, a leitura de meia duzia de linhas assim sonoras, musicaes, sentidas, trazendo lá dentro mais philosophia e mais verdade que toda quanta pretendem inculcar-nos os chamados dirigentes da opinião, que aliás tão mediocrementes se sabem dirigir elles proprios!

Insinuou-o um d'estes dias um grande politico francez, e já ha muito eu, que não sou nem grande nem politico, o tinha presentido e o havia verificado.

E não vá imaginar que considero isto pequena consolação, porque, quer que lhe confesse, reputo-a sufficiente...

AFFONSO VARGAS.

Historia da orchestra

(NOTAS)

A palavra *orchestra*, no sentido em que aqui a desejamos tomar, designa um conjuncto de instrumentistas tocando musica symphonica ou acompanhando a musica vocal.

Na antiga Grecia significava a parte do theatro onde se exhibiam, nos intervallos e no fim da representação, os bailarinos e os mimos.

No theatro romano tambem havia a *orchestra*, mas em vez de ser o ponto central dos divertimentos, como na Grecia, era um recinto onde havia logares reservados para os edis, para os senadores e para as vestaes; constituia como se vê um local exclusivamente destinado á *élite* dos espectadores.

A arte de agrupar os instrumentos não é antiga. Fallam, é certo, os escriptores da antiguidade em consideraveis reuniões de musicos. A Biblia cita-nos as tresentas trombetas de Gedeão. Os hebreus, que dispunham de variados instrumentos musicos, dão a David e a Salomão uma côrte musical de milhares de tocadores. Callixenio de Rhodes, na descripção do cortejo triumphal que acompanhava Ptolomeu Philadelpho, pelas festas da sua coroação, falla de um còro de seiscentos homens, entre os quaes havia trezentos citharistas. Nas cerimoniaes da Grecia e de Roma havia bandos de flautistas e de tocadores de trombeta e de cithara.

Mas nada d'isso se póde considerar *orchestra*, na accepção que hoje damos ao termo. Sendo fóra de duvida que as grandes aglomerações de instrumentistas tocando os mesmos instrumentos ou instrumentos analogos, pódem produzir effeitos de intensa sonoridade e brilhantismo, nunca lhes podemos dar fóros de orchestra emquanto nao tivermos a opposição e variedade dos timbres e sobretudo as combinações da harmonia, que sao a base e a essencia de toda o obra orchestral.

No medio evo apparece já um certo numero de intrumentos d'arco, mas são de tal fôrma imperfeitos, tão magros de som e tão desagradaveis de timbre, que não pódem desempenhar um papel muito interessante no desenvolvimento da arte. Pelo que respeita aos instrumentos dos antigos, ou d'elles derivados, taes como lyras, citharas, psalterios, harpas, eram, pela sua propria indole, de uma grande monotonia e não podiam oferecer senão recursos muito restrictos. Os instrumentos de sôpro, em madeira, tinham uma sonoridade, a mais não sêr, de-

feitiosa. Os de metal também a tinham de-testavel.

Parece no entanto que as primeiras tentativas para conjugar instrumentos varios se fizeram apoz o estabelecimento das corporações de officios, sob a designação de confrarias.

Em Paris a de *Saint Julien des Ménétriers* existia desde 1330 e tinha por auctoridade suprema o *rei dos menestres*, que mais tarde se chamou o *rei dos violinos* e de que o celebre Guignon foi o ultimo representante em 1773.

Estes *monarchas* de contrabando tinham privilegios especiaes e faziam pagar um dizimo a todos os recipiendarios, que eram innumerados.

Carlos IV, da Allemanha, protegia os musicos ambulantes e em 1355 concedeu-lhes brazão e a facultade de eleger um *Rex omnium histrionum*. O primeiro rei da bohemia musical allemã chamava-se *Johannes der Fiedler*. A corporação dos *Minstrels* existia também em Inglaterra e o duque de Lancastre, John of Gaunt, concedia-lhe em 1381 uma carta de privilegio.

Na Italia, pelo dizer dos historiadores da musica, parece não ter havido confrarias musicas na idade media; occupavam-se principalmente os italianos da musica religiosa e ensaiavam, a breve trecho, os primeiros passos na musica dramatica, com a hesitação de quem se aventura por vereda nova e cheia de precipicios.

Mas as combinações orchestraes tinham de ser letra morta ainda no seculo XV. Cada um dos instrumentos tinha o seu destino particular: — as violas e as sanfonas acompanhavam os jograes e os trovadores; as trombetas resoavam nos campos de batalha e nas festas civicas; as musetas e charame-las rythmavam as dansas; o serpentão figurava no côro dos templos; e finalmente a virginal, a espineta e o cravo eram instrumentos nobres que só se ouviam em casa dos Senhores.

No principio do seculo XVI tomam maior incremento as corporações dos musicos.

N'um rescripto do Conselho da municipalidade de Strasburgo, com a data de 1511, que confirma os direitos de uma confraria real, falla-se do alaúde, do hackbrett, (1) dos pifanos, dos tambores e das sacabuxas. (2)

Os musicos d'estas corporações tocavam nas festas publicas e privadas e durante as refeições dos nobres. Tinham também o direito exclusivo de tocar nas bodas da bur-

guesia rica, o que não era permitido aos musicos ambulantes. (1)

Ha grupos instrumentaes, que ficaram mais ou menos celebres no seculo XVI, sem contudo adquirirem foros de orchestra. Lembram-nos os pifanos e timbales do rei Henrique VIII, que poderemos considerar como um dos primeiros esboços da musica regimental — as trombetas, timbales, pifanos, cornetas e tambores da rainha Isabel d'Inglaterra — e a banda de violistas do marechal de Brissac, governador do Piemonte, que era considerada em 1557 como a melhor que havia na Italia.

A musica da duqueza de Ferrara tinha a particularidade de ser exclusivamente executada por mulheres.

E' preciso dizer-se que o repertorio d'estas musicas senhoriaes não tinha alterado desde o seculo XIII; eram canções vocaes de genero profano e partes instrumentaes que se executavam em unisono com as vozes. Palpava-se no entanto o caminho da musica puramente instrumental e uma das peças mais antigas que se conhecem n'este genero vem citada na *Histoire de l'Instrumentation de Lavoix*, sob este titulo: «*Dix huit basses-danses garnies de recoupes et tordions avec dix-neuf branles, quatre saüterelles, quinze gaillardes et neuf pavanés. Paris, 1538*».

Em 1599, Thomas Morley publicava em Londres a primeira edição d'um volume de peças para *alaúde tenor, pandora, cithara, baixo de viola, flauta e viola-tenor*.

Póde afirmar-se porém, sem receio d'erro, que n'esse seculo XVI, a orchestra theatral não era senão uma dobra das partes vocaes. Succedia mesmo que as vozes isoladas se substituiam ás vezes pelos instrumentos: se faltava um barytono para uma peça a quatro ou cinco vozes, vinha um tocador de sacabuxa substituir o cantor ausente: outras vezes era um oboé que fazia a parte do contralto e assim por diante.

Quando os instrumentistas d'esse tempo tinham de tocar *madrigaes* sem vozes, organisava-se então uma especie de orchestra com oboé, uma corneta, um alaúde (2) e algumas violas.

(Continua).

L.

(1) Especie de psalterio.

(2) Antigos trombones.

(1) Em Mulhouse não podiam tocar mais de 6 musicos n'uma festa nupcial.

N'um casamento burguez, em Strasburgo, o numero de tocadores não podia exceder quatro.

(2) Na Inglaterra era muitas vezes uma *pandora* em vez do alaúde.

Carta das Caldas

Pouca animação — Julio Cardona — A Banda da Guarda Municipal — O sarau da Tuna Commercial — A festa artistica do Sextetto — Recita de amadores no theatro Pinheiro Chagas — O Quintetto Suppé — Mais um concerto.

Se não fosse a musica, morria-se de sem-saboria, aqui nas Caldas!

Nunca houve um anno com tão pouca gente; o mez de julho passou-se apenas com meia duzia de familias, mas o mez de agosto, animou um pouco, organisando-se varias festas que chamaram grande concorrência.

Julio Cardona, o illustre artista, que veiu pela primeira vez este anno, tem agradado muito. Todas as noites das oito ás nove, na vasta sala do Club, o sextetto toca peças de concerto, que agradam muito. apesar de por vezes a escolha do programma deixár muito a desejar.

A Symphonia de Rienzi, as phantasias da Tosca, Werther, Traviata, obteem sempre muitos applausos.

Os magnificos concertos da Banda todos os dias no parque D. Carlos, sob a habil regencia do maestro Taborda, teem agradado muito!

Só o vasto repertorio d'esta Banda podia organisar magnificos programmas, todos os dias, no espaço de dois mezes!! As peças que têm agradado mais são: symphonias do Guilherme Tell, Rienzi, Ruy Blas, e as phantasias da Tosca, Fedora, Zaza, Lohengrin, Tannhauser, a Rapsodia Hungara, a valsa Miragem etc. A phantasia da opera Louise de Charpentier desconhecida para a maior parte da gente, foi recebida em principio com bastante frieza, mas *felizmente* agora principia a ser comprehendida e applaudida!

A Tuna Commercial veiu, no dia 20, dar um sarau ao theatro Pinheiro Chagas. Foi recebida n'esta villa com musica e foguetes. O sarau correu animado, tendo sido muito applaudido o maestro Cyriaco.

A festa artistica do sexteto, organisada pelo distincto violinista Cardona, foi um dos melhores concertos que se teem realisado quai n'estas thermas!

O grande salão da Canvalescença, estava completamente cheio, tendo-se retirado muitas pessoas, por não haver já bilhetes! O programma foi o seguinte: Rienzi, pelo sexteto (Wagner); Gioconda, aria da cega, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Madeira, La Cinquantaine, para violoncello por José H. dos Santos, Maria das Dores, historia simples, monologo original de Alfredo Sacavem e dito pelo Ex.^{mo} Sr. José de Castro Gauimraes; Im-

promptu op. 66 (Chopin) pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelaide Pereira; Andante do Quartetto n.º 1 (Mozart) pelas Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Aida e D. Laura Cardona, D. Maria Palma d'Almeida e D. Amelia de Vasconcellos; La Foi, violoncello, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Palma d'Almeida; Samsão e Dalila, canto, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Alda Pires; Ouverture (F. da Silva) pela orchestra composta pelas Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Aida Cardona, Dr. Martins Pereira, Dr. Neves, Manuel Tavares de Oliveira, Ivo da Cunha e Silva, José N. Ramos, D. Laura Cardona, Dr. Henrique Pinto, D. Maria Palma d'Almeida, Dr. Ayres de Castro, José Henrique dos Santos, João Antonio da Silva, Pires Moreira, Simões e Fernandes, Martins Junior, Moreira e Cruz, José Antonio da Rocha sob a direcção de Julio Cardona; Os oculos da Avosinha, versos pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Palma d'Almeida; Dansas Tziganas (Nachez), para violino, por Julio Cardona.

O programma foi fielmente cumprido, havendo trechos que se salientaram pela forma brilhante como foram executados. A Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Madeira, dotada de magnifica voz de soprano, cantou com muito sentimento, a aria da Gioconda, recebendo muitos applausos, sendo obrigada a cantar fóra do programma varias peças de canto, recebendo continuas ovações.

Ouvimos, pela primeira vez, uma joven pianista, que possuindo apenas 16 annos de edade, revelou bastantes aptidões; referimo-nos á Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelaide Pereira, que tocou com uma certa arte o trecho de Chopin. Teve as honras da segunda parte do concerto a gentil filha dos Ex.^{mos} Viscondes de Palma d'Almeida que tocou, no violoncello, La Foi de Goltreman, possuindo um lindo som que o sabe tirar com bastante arte, e executa já os trechos com um colorido pouco vulgar! discipula do distincto professor José Henrique dos Santos, hade d'aqui a algum tempo, continuando a estudar, ser uma notavel amadora!

A Ex.^{ma} Sr. D. Alda Pires, possuindo uma magnifica voz de contralto cantou com muitos applausos a aria da opera Samsão, revelando uma optima escola.

Julio Cardona terminou o concerto tocando com bastante vigor as Dansas de Nachez, sendo muito applaudido.

A recita de amadores no theatro Pinheiro Chagas, correu animadamente.

O Desquite, traducção de Jayme Séguier, teve a novidade do papel de *Elisa* desempenhado pelo Ex.^{mo} Sr. José de Castro Guimarães, que foi cheio de graça. Heitor foi o distincto actor do D. Amelia, Henrique Alves. A segunda parte foi preenchida por varios numeros destacando-se Henrique Al-

ves que disse magistralmente versos, colhendo muitos applausos. Julio Cardona tambem tocou muito bem um solo de violino, sendo applaudido.

Castro Guimarães disse, como um verdadeiro francez, a Lucie de Alfredo Musset.

O espectáculo terminou com *O Silencio Calado* de Garrido, fazendo o papel principal Henrique Alves, e os demais papeis foram feitos por varias pessoas conhecidas, salientando-se o nosso amigo Cyrillo Martins na *Sogra*, que teve pilhas de graça.

O *Quintetto Suppé*, que tem tocado todas as noites no *Salão Iberia*, realiso a sua festa artistica com um magnifico concerto; estes artistas foram muito applaudidos, distinguindo-se nos *fados* o distincto tocador de guitarra L. Petrolino. Ouvimos pela primeira vez o Quintetto de Saxe dirigido pelo distinctissimo artista Martins Junior, um conjuncto de artistas habilmente ensaiados.

No dia 10, mais um concerto, organizado por Julio Cardona.

Hao de concordar que ha musica para todos os paladares...

Caldas, 3-9-905.

JOÃO DÉRSTAL.



PORTUGAL

O tenor Bonci, que já deu por terminada a sua odysséa amorosa de que tanto se tem occupado os jornaes, vae brevemente reatar a sua interrompida carreira lyrica.

Está escripturado para o Porto, onde deve cantar no principio do proximo anno.



Foi um grandioso successo artistico o que a nossa compatriota Guilhermina Suggia teve na linda sala do *Kursaal* de Ostende, diante d'um publico de 2:000 pessoas, na maior parte inglezes e hollandezas.

A calcular pelo que dizem os jornaes belgas foi um triumpho não inferior ao que teve ali tambem ha dias o grande violinista Kubelik, que o nosso publico tanto apreciou no theatro de *D. Amelia*.

Guilhermina Suggia, *la reine des violoncellistes*, como lhe chamam em Ostende, tem já contractados 25 concertos para a Allemanha, 12 para a Russia, 6 para a Hollanda e diversos para a Belgica, Italia, Bohemia, Polonia, etc.

Diz-se tambem que a notavel artista virá em fevereiro a Portugal.



O distincto professor e compositor José Henrique dos Santos acaba de pedir ao nosso amigo Alfredo Pinto (Sacavem) um novo libretto para uma oratoria, cujo assumpto versará sobre a vida de S. Paulo.

Alfredo Sacavem está actualmente trabalhando em uma pequena obra do mesmo genero, cuja musica será escripta por Alberto Sarti e destinada a um dos concertos da *Schola Cantorum*.



Na igreja parochial dos Anjos celebrou-se em 6 do corrente mez o enlace matrimonial da laureada pianista, sr.^a D. Umbelina Felgueiras com o sr. Antonio Joaquim Mendonça d'Oliveira.

Desejamos aos nubentes as maiores fortunas.



Fecha hoje a matricula para as aulas da *Real Academia de Amadores de Musica*. A assignatura dos termos effectua-se durante os dias 23 a 30 do corrente, das 8 ás 10 horas da noute.

As aulas abrem no dia 2 do proximo mez, como nos annos anteriores.



Começaram já no Club de Leça os concertos outomnaes d'esta epoca. No primeiro, cujo programma temos á vista e de que nos dão as melhores informações, salientaram-se as sr.^{as} D. Margarida Fernandes Braga e D. Anna Fins, discipulas do maestro Roncagli, que tambem tomava parte na audição.

A primeira d'estas illustres amadoras cantou a *Berceuse* de Godard, uma *Romança* de Palloni e a *Pastoral* de Vianna da Motta; a sr.^a D. Anna Fins cantou *L'usignuolo* de Zelli, a valsa *Baciami* de Avona e o *Racconto* da Bohème, que a assistencia consagrou com uma phrenetica ovação.



Passou-nos pela mão o documento com que o notavel professor violoncellista Julius Klengel distinguiu o nosso compatriota David de Sousa, que, como se sabe, tem estado em Leipzig, com pensão do estado, para se aperfeiçoar no violoncello.

É do theor seguinte: — «Declaro que o sr. David de Sousa me confiou a sua educação musical em novembro de 1904.

O sr. de Sousa é admiravelmente dotado; recebeu uma optima educação artistica e

prosegue os seus estudos com grande assiduidade e zêlo, de forma a fazer enormes progressos em um espaço de tempo relativamente limitado».

Leipzig, 17 de Maio de 1905.
(a) *Prof. Julius Klengel.*



Está aberta a matricula para a frequencia nas aulas da *Sociedade de Concertos e Escola de Musica*, que o sr. Anselmo de Sousa tão proficientemente tem administrado.

Como já temos dito a leccionação n'este instituto é muito cuidada, havendo cursos especiaes para preparação de exame no Conservatorio e outros de ensino livre, para quem não deseje seguir o curso official.

O corpo docente é constituído pelos seguintes professores: — D. Rachel de Sousa (*rudimentos*), Frederico Guimarães (*harmonia e contraponto*), Marcos Garin e Carlos Gonçalves (*piano*), Francisco Benetó (*violino*) e Augusto de Moraes Palmeiro (*violoncello e contrabaixo*).

As aulas são nocturnas e funcionam desde 2 de outubro até 30 de julho.



O pianista portuense, sr. Luiz Costa, encontra-se actualmente em Munich trabalhando sob a direcção do professor Bernhard Stavenhagen, que o tem em grande conta. As peças ultimamente estudadas com este illustre mestre são o *Concerto italiano* de Bach, a *Sonata op. 26* de Beethoven e a *Balada em sol menor* de Chopin.

Consta-nos que Luiz Costa seguirá em breve para Stuttgart e Berlim, confiando a direcção dos seus trabalhos artisticos na capital alleman ao nosso grande concertista José Vianna da Motta, como já aqui annunciámos.



Noticias militares:

— Nos regimentos de infantaria 7, 9, 10, 20 e 24 não houve exames para musicos de 2.^a classe, por falta de concorrentes.

— Subiram de classe por exames feitos em principios d'este mez os musicos de 3.^a classe de caçadores 2, srs. Annibal da Costa Velloso e Antonio Pratas.

— Em caçadores 1 passou á segunda classe o musico da terceira, sr. João de Sousa Migueis d'Araujo.

— Foram approvados, para contramestres, os musicos de 1.^a classe, srs. Arthur José da Cruz, d'infantaria 6, Teixeira e Falcão, d'infantaria 1, Graça, d'infantaria 5, Manoel da Silva, d'infantaria 18 e Vicente, d'infantaria 14.

— Está em goso de licença registada o

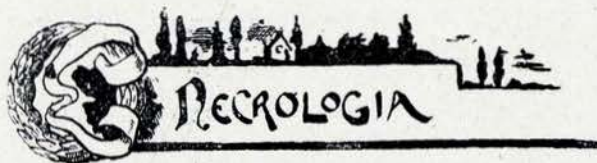
musico de 2.^a classe de infantaria 5, sr. José Joaquim Ribeiro.

— Trocaram de regimento os srs. Manoel Joaquim Martins d'Affonseca, d'infantaria 8 e Joaquim Luiz, d'infantaria 24.

— Alguns musicos do exercito, reformados por incapacidade physica pela lei de 1868 dirigiram-se aos jornaes queixando-se da exiguidade dos seus vencimentos, apenas 215 réis diarios para os de primeira classe e 195 para os de segunda. Perfilhamos esta justissima queixa, lembrando ao sr. ministro da guerra quanto seria justo que se lhes concedessem os vencimentos que tinham na effectividade de serviço.



Começa hoje e prolonga-se até ao fim do mez o praso para a matricula dos alumnos que desejem frequentar o *Conservatorio Real de Lisboa* no proximo anno lectivo.



Morreu em Bergamo o tenor *Luigi Bollis*, que esteve escripturado no theatro de S. Carlos nas epocas 1876-7 e 1877-8, creando aqui a parte de Radamés na *Aida*.



Tambem falleceu outro artista muito conhecido da plateia do nosso theatro lyrico — o maestro *Oreste Bimboni*.

Era ultimamente professor no Conservatorio de Boston e viera á Italia depois de ter soffrido uma melindrosa operação.



Em Munich morreu repentinamente o compositor *Felix vom Rath*. Deixa varias obras interessantes — uma symphonia, um quarteto, um concerto para piano, varios cadernos de melodias etc.

Tinha apenas 39 annos.



Outros artistas fallecidos: — *William Müller*, tenor da Opera do Hanover, retirado ha 12 annos da scena e *Moritz Auger*, director d'orchestra do theatro tchèque, e antigo mestre de capella em Salzburgo, Vienna, Gratz e Praga.